

Guiados pelo Espírito:

Eu Sou um Líder – Eu Sou um Viciado

■ Jude Muscat

NESTA EDIÇÃO

Guiados pelo Espírito:

Eu Sou um Líder – Eu Sou um Viciado

Jude Muscat

Luta Espiritual:

Derrotando o Inimigo

Bob Canton

Perguntas à Comissão
Doutrinal do ICCRS

**Participando de
Celebrações Não
Católicas**



1. Vício: uma introdução. Como introdução, uma breve apresentação a respeito de vícios deve ser dada. Embora a maioria dos vícios tenham uma dimensão moral, devemos entender que existe também uma dimensão psicológica e/ou física. O vício domina a vontade e é compulsivo em sua natureza. Mesmo que, no fundo, os viciados entendam que o seu comportamento irracional pode arruinar as suas vidas e a vida das pessoas ao seu redor, o hábito compulsivo, cuja fonte ultrapassa a simples busca do prazer, é, no entanto, também conduzido e estimulado pela recompensa psicológica e/ou física. Falando em termos leigos, engana a mente pensar que vícios são objetos desejáveis. Especialistas na área percebem que o vício não tem nada a ver com a nossa moralidade ou força de caráter. E, pelo que eu sei, há um debate em curso sobre se o vício é uma enfermidade ou uma verdadeira doença mental. Mas, claro, isto vai muito além do escopo deste artigo, e eu sou a pessoa menos qualificada para debater estas coisas. Acho que é importante ter em mente que a causa do vício é diferente de uma pessoa para outra. Na maioria dos casos, lidar com isso exige uma abordagem multidisciplinar.

2. Reconhecendo o Vício. Alguns vícios são claramente distinguíveis e os viciados sabem muito bem que eles estão viciados. Os sinais e provas desses vícios são claros e não podem ser negados, como o excesso de álcool ou abuso de drogas. Outros

vícios podem parecer menos prejudiciais, porque os sinais não são ainda tão óbvios e visíveis, como jogos de azar (se a sua situação econômica ainda estiver de pé), ou pornografia, quando esta ainda não está afetando o relacionamento com os outros. Os viciados negam esse vício com algum tipo de desculpa ou

então pensam que podem controlá-lo e consideram-no como uma simples fraqueza. Outros vícios são quase imperceptíveis pelo viciado. Mas é claro que as pessoas ao seu redor sabem muito bem, ou pelo menos deduzem que há algum tipo de vício. Vício para a liderança, por exemplo, é um tipo de condição que pode ser invisível para o



viciado, mas óbvio para os demais. Como líderes, precisamos ser extremamente cuidadosos e diligentes em nos auto-examinarmos. Além disso, é importante reagir de forma responsável e madura se reconhecemos algum vício em nossas vidas. Em primeiro lugar, devemos sempre nos assegurar de estarmos rodeados por amigos fortes, confiáveis e fiéis. Eu uso deliberadamente amigos ao invés de irmãos ou irmãs, já que o próprio Mestre nos chamou de amigos, e são esses amigos que estão prontos para dar sua vida pelo outro. (Cf. João 15, 13-14) Precisamos de amigos que não apenas estejam prontos para dar suas vidas por nós, mas também prontos a chamar uma espada de espada, não porque sejam extrovertidos arrogantes, mas porque se importam conosco e desejam que sejamos saudáveis em todos os níveis do nosso ser.

Sem dúvida, um diretor espiritual santo e sábio é essencial em nossa vida; não podemos ficar sem um diretor espiritual. Um bom diretor espiritual, na maioria dos casos, pode facilmente discernir se algo não vai bem em nossas vidas. Quando estamos de alguma forma viciados, quer saibamos ou não, sempre há sinais que são visíveis para aqueles que nos conhecem bem e nos amam.

É de suma importância não deixar que qualquer hábito novo não nos domine. Sempre que qualquer hábito nos compelir a fazer algo que sabemos que não é certo, ou quanto entendermos que está ficando fora de controle e nos sentimos muito atraídos por tal coisa, é melhor começar a partilhar. É por esse motivo que precisamos estar rodeados de verdadeiros amigos e de um bom diretor espiritual. Comunidade é a nossa Unidade de Terapia Intensiva.

Uma coisa muito importante é o auto-exame. Como católicos, temos esta grande tradição de rezar as Completas, ou a oração da noite. Esta

“
A misericórdia de Deus nos fornece as ferramentas certas para entrar em sintonia com Jesus, através do poder do Espírito Santo.
”

oração nos oferece um excelente momento de reflexão e de exame de consciência. Se nos deparamos com um hábito que esteja nos dominando, é o lugar onde podemos ver claramente à luz de Cristo, nosso Salvador. Durante a nossa oração da noite, podemos abrir nossa vida para a luz de Cristo e se, enxergarmos uma erva florescendo, devemos cortá-la logo. Se ela cresceu fora de proporção, temos de tomar medidas drásticas. Em qualquer caso, procurar ajuda imediata.

Deus nos quer inteiros e saudáveis e quer existam ou não valores morais ligados ao nosso vício. Ele quer nos curar e quer que sejamos livres das cadeias que sobrecarregam nossas vidas. Jesus nos convida a buscá-Lo, pois o seu jugo é suave e o seu fardo é leve (cf. Mat 11,30). O jugo da dependência mutila e pode nos desmembrar da Comunidade que amamos tanto. Também pode causar muita dor e confusão para nossas famílias, comunidades e paróquias.

3. As paralisias da vergonha. Conhecer e reconhecer nossas fraquezas, vícios ou pecados, sempre é o melhor ponto de partida. Negar não nos leva a lugar nenhum. Por outro lado, reconhecer nosso vício tem o efeito indesejável de encher-nos de vergonha: não queremos que o mundo saiba que somos viciados, especialmente se somos líderes e as pessoas olham para nós e nos admiram. Pensamos que isto irá destruir nossa reputação. Não nos esqueçamos que não é a vergonha que vai nos destruir, mas a obstinação e o medo.

Em Lucas 18, o cobrador de impostos manteve-se à distância e implorou por misericórdia. Jesus declarou: “Digo-vos: este voltou para casa justificado e não o outro. Pois todo o que se exaltar será humilhado e quem se humilhar será exaltado”. Quando nos apresentamos diante do Senhor com humildade, Ele pode nos curar. Deus nunca afastará um coração contrito. Ele nos dará um coração novo e nos lavará de nossas fraquezas para não pecarmos novamente. O Salmo 50 é o clamor sincero de um pecador sentindo dor e vergonha, mas que sabe que é Deus o Criador. O termo usado no versículo 10, *bârâ*, é um verbo reservado para a ação de Deus no ato de criação. Expressa um pensamento teológico profundo, pois o seu sujeito é o próprio Deus, o Deus da misericórdia e Aquele que nos cura de forma maravilhosa. Só Deus pode criar, no sentido de *bârâ*.

Sem não nos esquecermos de João 13 e da cena do lava-pés, vemos nela uma prefiguração de Jesus dando-se na Cruz. Analisarei apenas um aspecto desta cena que está diretamente relacionada com o presente argumento. Seria uma vergonha para uma pessoa em alta posição se inclinar e lavar os pés do seu servo. Pior ainda é a vergonha da Cruz; Ele foi crucificado como um traidor, um criminoso ou um assassino, pendurado nu, exposto a todos os que estavam presentes. São Paulo, em Hebreus, nos ensina que “Cristo suportou a Cruz, desprezando a vergonha.” (12:2) Jesus sabia que a doação de Sua vida significaria a vitória sobre o

pecado e a morte, e a vergonha não o paralisou; ao contrário, levou-o a fazer o que é certo e justo. Essa é a razão pela qual “...nos pregamos Cristo crucificado, escândalo para os Judeus e loucura para os pagãos” (1 Cor 1,23), porque fugir da vergonha é uma pedra de tropeço para que a cura aconteça e é também uma escolha tola.

Se queremos a cura completa de um vício, independentemente de quaisquer terapias médicas ou psicológicas que possamos precisar, temos que aceitar e suportar a vergonha da cruz, sendo um com Ele, que suportou a vergonha em nosso lugar para que pudéssemos ser totalmente curados.

4. Ventre da Misericórdia. Um dos ícones mais bonitos e tocantes a respeito da misericórdia, no Novo Testamento, está em João 8. Jesus, que é pureza e perfeição, o único com direito de julgar e condenar, ergue-se, olha nos olhos da mulher adúltera e diz: “Nem eu te condeno” (v. 11). A mulher, jogada ao chão como jogaríamos fora algum tipo de lixo, foi felizmente jogada para dentro do ventre da misericórdia. Estudiosos da Bíblia nos ensinam que as raízes das palavras racham (verbo) e rachamim (substantivo usado no plural para denotar excelência), traduzido como misericórdia, tem suas raízes no substantivo rechem (ventre). Assim como uma mulher cujo útero oferece um espaço para a nova vida, Deus tem este espaço especial dentro de sua Santa presença, onde pessoas de todas as raças e de todos os tempos podem encontrar um esconderijo e um lugar de nascimento. O ventre de Deus é a sua riqueza em misericórdia.

A misericórdia não apenas apaga as manchas do pecado, mas com certeza faz isto também. A misericórdia deseja reconstruir, renovar e recriar; ela chega até às pessoas enredadas no pecado, vício ou em qualquer outro ato que rouba a nossa verdadeira dignidade. A misericórdia é libertadora; enquanto limpa, quebra as correntes da escravidão e nos ajuda a nos erguermos. Dá-nos força para nos levantarmos da imundícia, fortalece nossos pés e tornozelos, nossos músculos e ossos e nos dá a energia necessária para buscarmos novos pastos. A misericórdia de Deus nos fornece as ferramentas certas para entrar em sintonia com Jesus, através do poder do Espírito Santo.

A misericórdia diz as palavras: “Vai e deixa tua vida de pecado” (João 8,11b), mas, em sua essência, é uma corrente ativa de graça que dá a vida. Essa é a razão pela qual Jesus cita Oséias em Mateus 9: “Ide a aprendei o que significam estas palavras: Eu quero a misericórdia e não o sacrifício. Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores.” (v. 13) Sacrifícios e holocaustos são objetos da lei, enquanto que a misericórdia flui de Deus. A lei, por sua própria natureza, examina as nossas obras de acordo com os seus dados e grita 'sujo', se nós acharmos em pecado. A misericórdia nos esconde em seu seio e nos recria em novos seres. Não tenham medo de mergulhar no espaço aberto da misericórdia de Deus. 🏠

ICCRS

**International Catholic
Charismatic Renewal Services**

Endereço Postal: Palazzo San Calisto, 00120 Cidade do Vaticano – Europa
 Telefone: +39 06 69 88 71 26/27
 Fax: +39 06 69 88 72 24
 Site: www.iccrs.org
 e-mail: newsletter@iccrs.org

Entre em contato com o Escritório do ICCRS para obter permissão para reimpressão.

O *Informativo do ICCRS* é grátis para recebimento por e-mail e custa 10€ para recebimento pelo correio. Além disso, o *Boletim do ICCRS para Líderes* está disponível para assinatura, por 15€ ao ano, por e-mail.

O *Boletim do ICCRS para Líderes* é uma publicação internacional publicada juntamente com o *Informativo do ICCRS*. Seu objetivo é proporcionar formação sobre temas importantes da RCC.

Luta Espiritual: Derrotando o Inimigo

■ Bob Canton



Quer gostemos ou não, estamos em guerra! E claro, nosso adversário é Satanás, ou o diabo, ou o maligno. Ele odeia qualquer coisa e tudo o que Deus ama, especialmente os seres humanos, porque foram criados à Sua imagem e semelhança. Isto é o que Jesus diz sobre o diabo em João 8,44, “Ele (Satanás) era homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque a verdade não está nele. Quando diz a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.”

O Novo Testamento contém pelo menos 300 referências ao diabo com uma variedade de nomes que descrevem a natureza e a maldade do maligno. Os documentos do Concílio Vaticano II referem-se ao diabo 18 vezes. A primeira referência encontra-se no documento sobre a liturgia, Sacrosanctum Concilium, promulgado em 1963: “6. Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para que, pregando o Evangelho a toda a criatura, anunciassem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertara do poder de Satanás e da morte e nos introduzira no Reino do Pai.”

Os ensinamentos dos Padres da Igreja, seguindo os ensinamentos das Sagradas Escrituras, concentraram-se principalmente no aspecto pastoral da demonologia, ou seja, o diabo como tentador e praticante do mal, e como os fiéis podem proteger-se de sua influência.

O Catecismo da Igreja Católica afirma: “Uma luta árdua contra o poder das trevas perpassa a história universal da humanidade. Iniciada desde a origem do mundo, vai durar até o último dia.” (CIC #409)

“Contudo, o poder de Satanás não é infinito. Ele não passa de uma criatura, poderosa pelo fato de ser puro espírito, mas sempre criatura: não é capaz de impedir a edificação do Reino de Deus. Embora Satanás atue no mundo por ódio contra Deus e o seu Reino em Jesus Cristo, e embora a sua ação cause graves danos – de natureza espiritual e, indiretamente, até de natureza física – para cada homem e para a sociedade, esta ação é permitida pela Divina Providência, que com vigor e doçura dirige a história do homem e do mundo. A permissão divina da atividade diabólica é um grande mistério, mas nós sabemos que Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam.” (CIC #395)

O Papa João Paulo II, em sua visita ao santuário de São Miguel Arcanjo, em 24 de maio de 1987, declarou, “a batalha contra o diabo, que é a principal tarefa de São Miguel Arcanjo, continua sendo travada hoje, porque o demônio ainda está ativo no mundo.”

O Papa Francisco comentou: não muito tempo atrás, “todos somos tentados, porque a lei da vida espiritual, da nossa vida cristã, é uma luta: uma luta. Porque o príncipe deste mundo, o diabo, não quer a nossa santidade, não quer que nós sigamos a Cristo. Algum de vocês, talvez, pode dizer: ‘Mas, Papa, como você é antiquado: falar do demônio em pleno século XXI! Mas o diabo existe! O diabo existe. Também no século XXI! E não devemos ser ingênuos! Temos que aprender do Evangelho como se luta contra ele’.”

Na verdade, um dos *modus operandi* de Satanás é que o homem rompa o seu relacionamento e comunhão com Deus. Para atingir o seu objetivo, ele muitas vezes usa a sua influência sobre os seres humanos, como tentação, obsessão, dor física, opressão, infestação,

subjugação e possessão. A palavra de Deus diz em 1 Pedro 5,8, “Sede sóbrios e vigiai. Vosso adversário, o demônio, anda ao redor de vós como o leão que ruge, buscando a quem devorar.” Muitas pessoas, incluindo Cristãos, consciente ou inconscientemente, abrem as “portas” para o maligno entrar em suas vidas. Deixe-me enumerar algumas destas formas de entrada: 1. Através do envolvimento no ocultismo. (Deut.18,9-12, Deut.7,36, Lev.19,31). 2. Através de drogas e álcool (Prov.23,29-33, 1Cor.10,21), que pode submeter uma pessoa à influência demoníaca, pois ela não está em controle da sua mente. 3. Através de pecados habituais, praticando hábitos impuros e rendendo-se à luxúria da carne (1 Cor.6,9-20, Gálatas 6,7-8). 4. Através do padrão de pensamento de cada pessoa (Tim.1,7 2). 5. Através da falta de perdão, ódio, ressentimento e amargura (Mateus 18,21-35). 6. Demônios podem entrar em crianças se os pais estiveram envolvidos em satanismo, bruxaria, ou se adoravam deuses pagãos (Ex. 20,1-5). 7. Por meio de transferência de espíritos. Demônios podem transferir-se para uma pessoa através de fornicação, estupro, incesto, atos homossexuais, filmes, programas de TV cheios de atos de violência, medo, horror e luxúria. 8. Seguindo faltas religiões/seitas, heresias e cultos. (1 João 4,1-3, 1 Timóteo 4,1-2). 9. Através de palavras vãs (Mat.12,36,37), proferidas sem pensar, que não expressam os reais pensamentos de uma pessoa ou intenções. 10. Através da imposição de mãos por alguém que está envolvido no ocultismo ou prática de bruxaria (1 Tim.5,22).

Em Efésios 06,12, São Paulo afirma, “Pois não é contra homens de carne e sangue que temos que lutar, mas contra os principados e potestades, contra os príncipes deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal (espalhadas) nos ares.” Devemos lembrar que Satanás já é um inimigo derrotado. Jesus nos libertou das garras do inimigo através de Sua Morte e Ressurreição. As palavras de Deus declaram em 1 João 3,8, “Eis porque o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do demônio.” Em Lucas 10,19, lemos, “Eis que vos dei poder para pisar serpentes, escorpiões e todo o poder do inimigo.” Como Cristãos batizados, recebemos o poder para derrotar o maligno. Em Romanos 8,37, São Paulo declara que “em todas estas coisas, somos mais que vencedores pela virtude daquele que nos amou.” Não, não podemos derrotar Satanás com nosso próprio poder ou força. Temos que confiar no Senhor e no poder do seu Espírito para sermos vitoriosos sobre Satanás. Em Tiago 4,7, São Paulo diz: “Sede submissos a Deus. Resisti ao demônio, e ele fugirá para longe de vós.”

O Senhor nos equipou com um poderoso arsenal para conquistar o inimigo. Permita-me enumerar algumas dessas armas: o Sangue de Jesus, o Nome de Jesus, a Cruz de Jesus, a Palavra de Deus, a presença e os dons do Espírito Santo, a Intercessão de Maria, a Mãe de Deus, o ministério de São Miguel e outros Anjos, os Sacramentos da igreja como a Eucaristia, Confissão e Unção dos Enfermos, os ensinamentos do Magistério da igreja, a palavra do nosso testemunho, oração e jejum, a autoridade para ligar e soltar, os sacramentais como água benta, crucifixo e medalhas bentas, sal bento, e a recitação do Rosário. “Porque, ainda que vivamos na carne, não militamos segundo a carne. Não são carnis as armas com que lutamos. São poderosas, em Deus, capazes de arrasar fortificações.” 2 Cor. 10,3-4) 🏰



PERGUNTAS À COMISSÃO DOCTRINAL DO ICCRS

A Comissão Doutrinal do ICCRS, atualmente liderada pela doutora Mary Healy, consulta teólogos e especialistas de todo o mundo.

Se você tiver uma pergunta sobre a RCC, por favor envie para newsletter@iccrs.org

Participando de Celebrações Não Católicas

Está certo, participar com outros cristãos, em suas celebrações de comunhão? No espírito de unidade, ao participar de um evento ecumênico, é possível partilhar “o partir do pão” com nossos irmãos e irmãs, sabendo em plena consciência que não é a Presença Real? O que é aceitável em tal circunstância?

Nós responderemos a essas perguntas em dois níveis: 1. Qual é a lei e a doutrina da Igreja Católica? 2. Qual deve ser nossa abordagem como católicos em uma situação Ecumênica?

A lei e a doutrina da igreja

Esta questão é tratada no Catecismo da Igreja Católica, 1398-1401. Uma clara distinção entre Igrejas orientais que não estão em comunhão com Roma (isto é, as Igrejas Ortodoxas e Orientais, parágrafo 1399) e as comunidades Protestantes (n. 1400). Com os Ortodoxos, há circunstâncias em que, com a aprovação da autoridade da Igreja, uma certa partilha Eucarística “não somente possível, mas até aconselhável” (par. 1399). No entanto, estas condições são raramente cumpridas, já que os requisitos Ortodoxos são mais rigorosos do que os Católicos. Estas restrições devem ser respeitadas (Diretório Ecumênico, 1993, n. 132).

Receber a comunhão em uma igreja Protestante nunca é permitido para um Católico, porque essas comunidades “não conservaram a substância própria e integral do mistério eucarístico,” “em razão sobretudo da ausência do Sacramento da Ordem.” (n. 1400) Esta última cláusula refere-se à Igreja Católica que não reconhece, nas comunhões Protestantes, um Ministério transmitido através da sucessão apostólica dos Bispos, desde o início.

Nossa abordagem hoje

É importante também reconhecer, no entanto, que têm havido mudanças significativas de atitude e nas relações entre a Igreja Católica e outros Cristãos, já que a Igreja comprometeu-se a um movimento pela unidade no Concílio Vaticano II. Estas mudanças estão se acelerando sob o Papa Francisco, que está enfatizando a urgência da cura das feridas da divisão, e que manifesta uma grande abertura aos Evangelhos e Cristãos Pentecostais. Nesta nova situação, na qual estamos todos sendo levados mais pelo Espírito Santo, devemos perguntar que atitude os Católicos deveriam ter para com o culto e liturgia de outras igrejas e comunhões, particularmente no que diz respeito à Eucaristia da ceia do Senhor.

Primeiramente, temos que respeitar tudo o que os outros Cristãos fazem, como aqueles que buscam sinceramente viver e servir como discípulos de Jesus Cristo. Isto significa que temos que respeitar suas celebrações da ceia do Senhor ou Eucaristia, mesmo que não as recon-

heçamos como idênticas à Missa Católica. Isto foi dito até no Vaticano II, reconhecendo que, quando as comunidades Protestantes “[elas] professam que significa vida em comunhão com Cristo e aguardam Sua vinda em glória.” (Decreto sobre Ecumenismo, n. 22, também citado no Catecismo, n. 1400) Isto é tudo o que a Igreja Católica ensina sobre as celebrações de comunhão das igrejas Protestantes.

Agora que a Igreja Católica reconhece a presença e a ação do Espírito Santo na vida e ministério das comunhões Protestantes, é ainda verossímil para os Católicos falar e agir como se as comunhões Protestantes fossem vazias, sem a presença do Senhor? Nós não sabemos de que formas o Senhor Jesus está presente nelas. Mas elas são alguma coisa, assim como os ministérios Protestantes são alguma coisa (um fato reconhecido pela abertura da Igreja para ordenar como padres casados pastores protestantes que se tornaram Católicos). Não podemos dizer em plena consciência que não é a “Real Presença.” Podemos aplicar aqui o ensinamento de Jesus no Sermão da Montanha: “Quem dentre vós dará uma pedra a seu filho, se este lhe pedir pão?” (Mat 7,9) Podemos ver que, quando outros Cristãos celebram a Ceia do Senhor, eles estão de certa forma pedindo ao Senhor pelo pão.

Agradecemos ao Senhor por aquilo que sabemos que Ele tem dado à Igreja Católica e rezemos para que Ele dê este mesmo dom, em plenitude, para os nossos irmãos e irmãs Protestantes. O ensinamento do Concílio Vaticano II, na Constituição sobre a Liturgia, é que o Senhor está presente de várias formas na Liturgia Eucarística, “acima de tudo, nas Espécies Eucarísticas”, mas também, por exemplo, “na Palavra, já que é Ele mesmo que fala quando a Sagrada Escritura é lida na igreja. Por último, Ele está presente quando a Igreja reza e canta” (n. 7; a última frase então cita Mateus 18:20). Estas formas de presença são encontradas entre os protestantes.

A abordagem bastante respeitosa à esta pergunta feita pelo Papa Francisco, é instrutiva e desafiadora para todos os Católicos. Quando o Santo Padre visitou um templo Valdense em Turim, na Itália, no ano passado, ele comentou positivamente sobre um gesto recente sobre a Eucaristia e a Ceia do Senhor. “Eu gostaria de recordar a troca Ecumênica de presentes que aconteceu na Páscoa, em Pinerolo, da Igreja Valdense de Pinerolo e da Diocese [Católica]. A Igreja de Valdense ofereceu aos Católicos vinho para a celebração da Vigília da Páscoa e a Diocese Católica ofereceu aos irmãos Valdenses pão para a Santa Ceia do domingo de Páscoa. É um gesto entre as duas Igrejas que vai muito além da simples cortesia e que permite uma antecipação, em certo sentido, da unidade da Mesa Eucarística pela qual ansiamos.” (Pronunciamento aos Valdenses, 22 de junho de 2015)